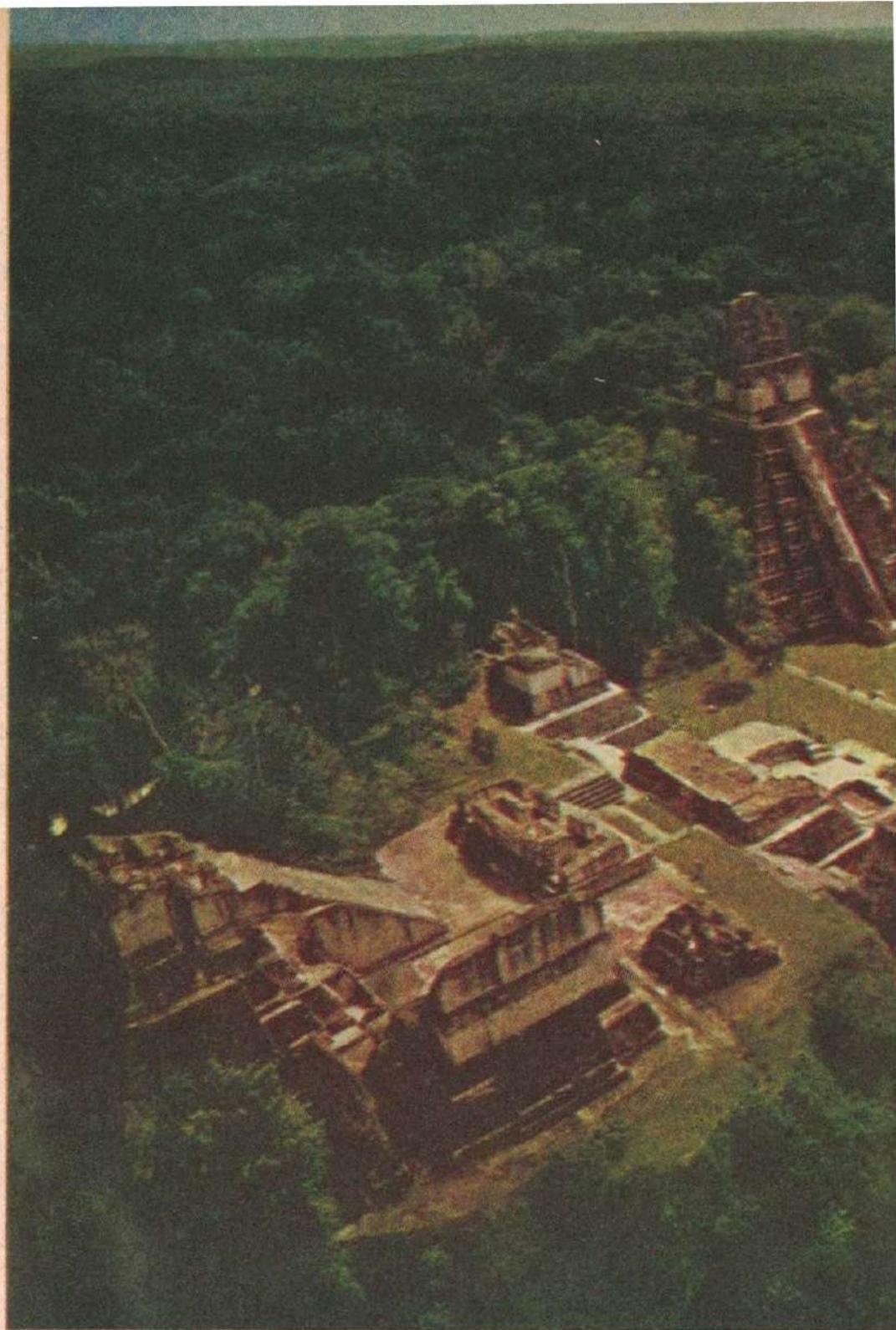


ELES vieram do mistério mais profundo, em misteriosamente essa cultura sucumbiu. Os estudiosos deram-lhes o nome de maias, mas eles próprios se chamavam por outros nomes. No apogeu de seu poder, suas cidades-estados se estendiam do México e da ressequida planície da península de Yucatán até Belize, Honduras e as tórridas terras baixas de Petén, na Guatemala. Durante cerca de 15 séculos, floresceram nessas paragens extremamente inóspitas, e enquanto a Europa estava em plena era do obscurantismo, no período entre 250 e 900 d. C., esse povo ergueu uma civilização magnífica de altas pirâmides e esplêndidos palácios. Tinham conhecimentos de astronomia tão preciosos que seu antigo calendário era mais exato do que o que empregamos hoje. Determinaram órbitas de corpos celestes e, para horror dos crédulos, seus sacerdotes prediziam os eclipses



Mistérios dos maias



O grande centro de convívio social e de cerimônias, em Tikal, na selva guatemalteca

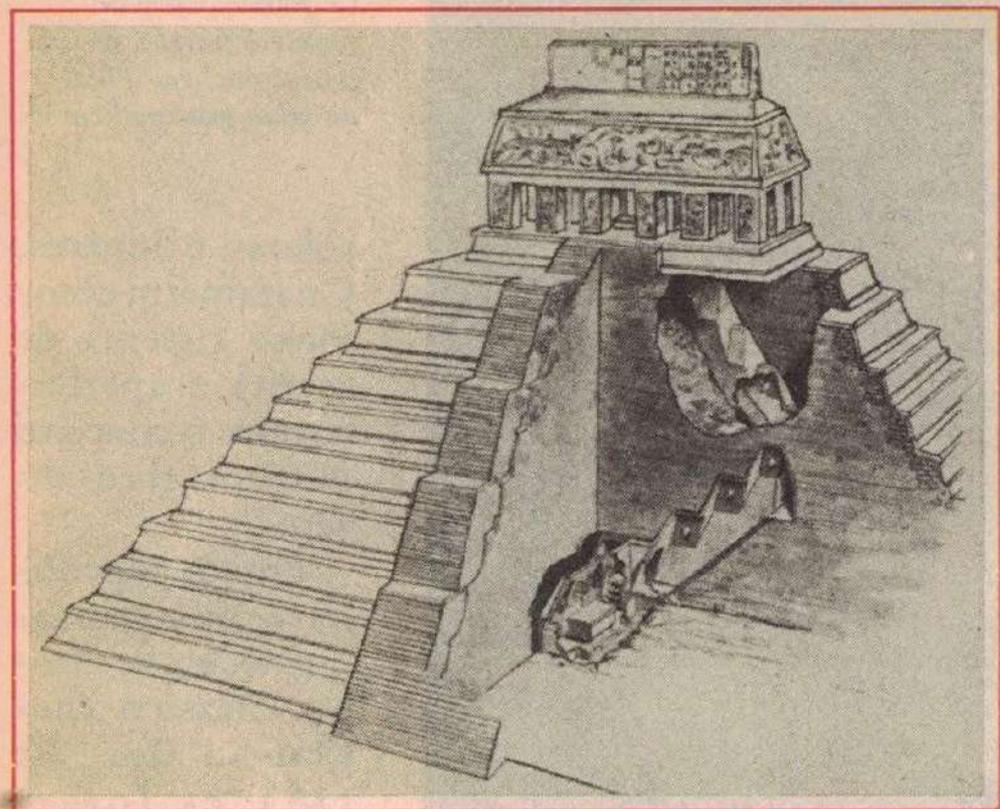
Durante 15 séculos, uma civilização magnífica floresceu nas selvas da América Central – e, de repente, sucumbiu

Condensado de NATIONAL GEOGRAPHIC
HOWARD LAFAY

solares e lunares. Criaram um complexo sistema de escrita e aperfeiçoaram o conceito matemático do zero.

Então, repentina e misteriosamente, esse Período Clássico chegou ao fim. As cidades foram abandonadas e a selva rapidamente engoliu os imponentes monumentos. Até há pouco tempo, a importância das descobertas dos maias poucas vezes transpôs essa cortina de abandono.

Agora, no entanto, o brilho de sua cultura (grande parte dela ainda não divulgada) começou a romper antigas trevas, ajudado por descobertas arqueológicas de casas e inscrições. Cidades-estados, dinastias, guerras antiquíssimas – tudo se vem aclarando aos poucos. Desapareceu definitivamente a idéia de que os maias teriam sido um povo pacífico, fa-



O túmulo de Pacal, em Palenque

zendeiros bastante primitivos que praticavam ritos religiosos esotéricos na tranquilidade de sua segurança na selva. O que nos surge é o retrato de uma raça vigorosa, guerreira, mais numerosa do que diziam as anteriores estimativas, comerciando e lutando ativamente.

Espadas e arados. Existem provas de antigos conflitos entre os maias, por exemplo nas ruínas de Becan, incrustadas no mato verde da exuberante selva, ao sul da península de Yucatán. A região de Becan é cercada por um fosso seco que data do segundo ou terceiro séculos da nossa era. «Revela que os maias (durante tanto tempo descritos como gente pacífica e religiosa) estiveram envolvidos em guerras desde os tempos mais re-

motos», diz o arqueólogo Joseph W. Ball, da Universidade Estadual de San Diego, que tem feito escavações no local. «Depósitos de detritos calcinados e de ossos indicam que a população foi atacada por volta do ano 450 da era cristã.»

Durante uma tarde inteira, explorei o fosso de Becan (com quase dois quilômetros de circun-

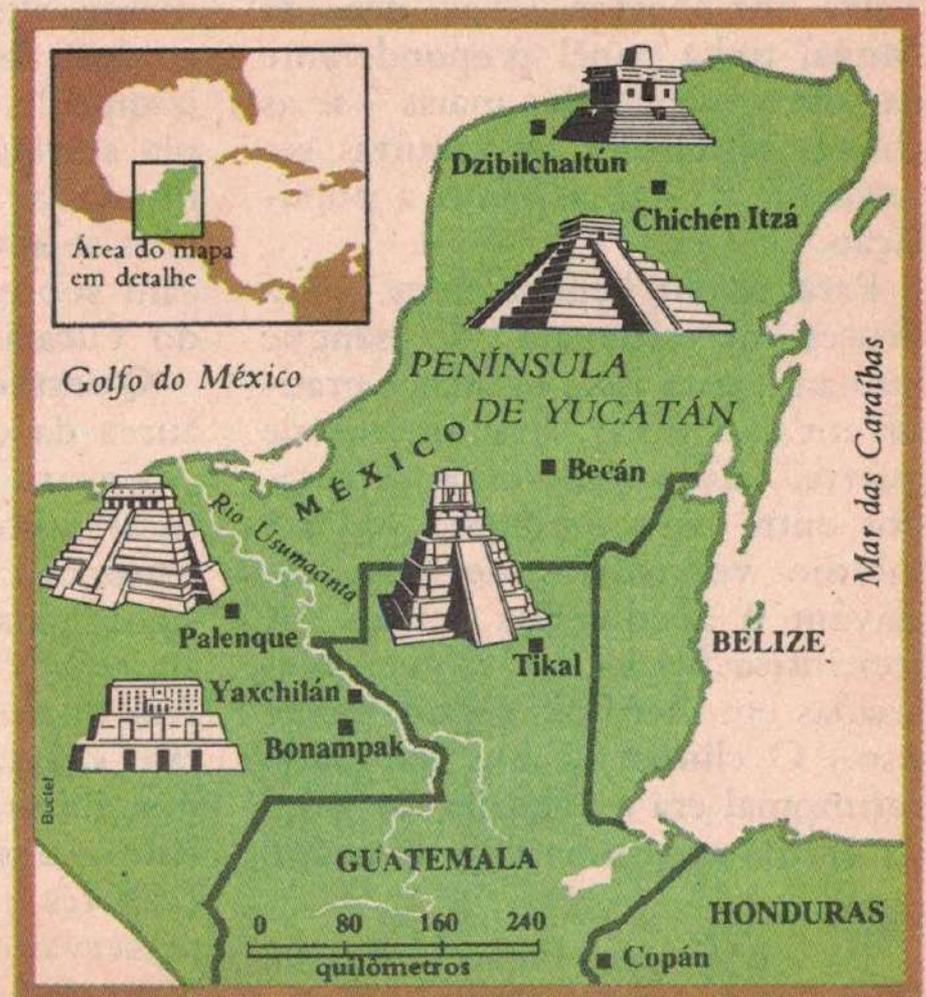
ferência), sob a densa cúpula da floresta tropical. Ali, na sombra sufocante, não corre a menor brisa. O suor escorre-nos da cabeça aos pés, tornando-se insuportável; em minutos, temos as roupas coladas ao corpo como se fossem úmidas mortalhas. Por toda parte se sente o cheiro acre da decomposição dos ramos caídos e das árvores mortas, que apodrecem a nossos pés. As cobras se escondem na sombra; os carrapatos infestam a vegetação; ramos pendentes estão peçados de formigas de ferrão. Se a gente se apóia numa árvore para não cair (sendo a palmeira *escoba*, aparentemente inofensiva), nossas mãos se enchem de espinhos afiadíssimos. Um dos muitos paradoxos da his-

tória dos maias está no fato de que foi justamente nesse ambiente tão hostil que sua civilização atingiu o auge.

Até há pouco tempo, muitos estudiosos acreditavam que os maias dependiam inteiramente de uma agricultura rudimentar de derrubada e queima, mas as escavações revelaram provas de que havia centros densamente habitados e também uma grande população rural. Dzibilchaltún, ao norte do Yucatán, foi ocupada continuamente, pelo menos desde o ano 500 a. C. até a época da conquista espanhola – um período de dois mil anos. Estudo metucioso de fotos aéreas e dos próprios locais outrora habitados da região levou um especialista à conclusão de que, em seu auge, a população de Dzibilchaltún era de cerca de 40 mil habitantes. Provas de que os maias utilizavam técnicas agrícolas avançadas que permitiam alimentar essa numerosa população podem ser encontradas na parte sul da península de Yucatán. Ali, têm sido descobertos inúmeros vestígios de lavoura em degraus, nas encostas, e também «campos sobrelevados» (plataformas artificiais de solo nas quais os maias podiam

plantar em terras baixas periodicamente inundadas).

Deuses e sangue. Embora há uma geração se falasse no «império dos maias», hoje poucas pessoas acreditam que ele tivesse existido. A linguagem dos maias cedo se fragmentou em numerosas variantes. A arquitetura e a arte seguiram diversas tendências. As guerras eram numerosas, as alianças mudavam, as dinastias surgiam e desmoronavam. Um elemento, no entanto, dava unidade ao mundo dos maias – sua religião. Desde os primórdios, os maias sempre se preocuparam com as forças divinas. O falecido Sir Eric Thompson, o homem que melhor



estudou esse povo, disse: «Eles aperfeiçoaram sua capacidade de observação astronômica para desenvolver a astrologia – elemento básico em suas crenças religiosas.» Seus grandes centros de cerimoniais religiosos, como Tikal e Palenque,* eram (para um povo que tinha que cortar pedra sem a ajuda de instrumentos de metal) monumentais demonstrações de fé.

O panteão dos maias incluía numerosos deuses, que se manifestavam de diversas maneiras. O principal era, provavelmente, Itzamná, Senhor dos Céus, geralmente representado como um velho sábio. Kinich Ahau, o Deus-Sol, presidia aos maias durante o dia e Ah Puch reinava na Terra dos Mortos. Chac, deus da chuva, tinha papel preponderante na sobrevivência dos maias – se as chuvas tardassem, as culturas secavam e a fome assolava a população.

Para serem benevolentes, esses deuses necessitavam de sangue humano; para isso, os maias praticavam sacrifícios. Prisioneiros de guerra, talvez indivíduos recrutados entre os camponeses, ou até mesmo voluntários devotos, saciavam o apetite dos deuses. (A romântica ficção das virgens oferecidas em sacrifício é exatamente isso.) O clímax de um elaborado cerimonial era a abertura do peito da vítima com uma faca de pedra,

pelo sacerdote, que lhe arrancava o coração ainda palpitante.

Tais sacrifícios humanos horrozaram os espanhóis quando conquistaram aquela região; por isso, destruíram ídolos, queimaram livros sagrados, derrubaram pirâmides e utilizaram as pedras para construção de igrejas. Encurralados entre a espada e a parede, os índios se converteram, mas, depois de quatro séculos de cristianismo imposto, os maias (cerca de dois milhões que hoje sobrevivem em aldeias dispersas) ainda não renunciaram às antigas divindades. Na primavera de 1975, as chuvas não chegaram na data esperada. O milho secava e os aldeões começaram a ficar apreensivos. Finalmente, alguns resolveram recorrer ao deus da chuva, Chac, o de nariz comprido. Assisti a uma cerimônia secreta em que sua ajuda foi invocada. Uma semana depois, os céus se abriram e a chuva benéfica caiu sobre os campos ressequidos do Yucatán.

Questão de classe. Na época áurea da civilização maia, os que cuidavam das terras (a população rural) sustentavam toda a superestrutura da sociedade. «Entre os antigos maias», diz o Prof. Alfredo Barrera Vásquez, do Instituto de Antropologia e História de Yucatán, «havia uma profunda dicotomia cultural. De um lado, estava a elite – um pequeno grupo de sacerdotes e líderes encarregados de preservar a cultura. Conheciam astronomia, arquitetura, engenharia,

* Ver «Palenque, a Cidade Perdida dos Maias», em *Seleções* de julho de 1974.

arte. Só eles sabiam como planejar a construção dos grandes monumentos; apenas eles entendiam o significado de tudo que havia nos templos. Podiam predizer os eclipses e traçar horóscopos. Em paga, levavam vidas privilegiadas.

«Artigos de luxo, como jade, plumas e peles de onça, eram reservados para seu uso exclusivo. O resto da população tinha obrigação de arranjar esses artigos fastuosos para os senhores, tal como prover suas necessidades cotidianas. Assim, os plebeus trabalhavam na agricultura, cortavam lenha, caçavam, e depois levavam o fruto de seu trabalho aos centros de cerimoniais. Quando a elite viajava, era inclusive dever do povo carregá-la aos ombros em liteiras.»

Parte da grandeza dessa elite pode ser observada nas deslumbrantes ruínas de Palenque, centro de cultura maia nas colinas do estado mexicano de Chiapas, outrora o limite ocidental do império dos maias. Os templos e as pirâmides de Palenque se estendem por 11 quilômetros ao longo de uma crista arborizada. A pequena parte de Palenque que foi escavada até agora (umas duas dezenas de construções) já revelou tesouros artísticos inigualáveis na América Central.

Entre as construções libertas das garras verdes da selva em Palenque, acha-se o lúgubre e impressionante túmulo de Pacal, o poderoso líder que morreu em 694 e está sepultado no centro de uma

pirâmide chamada o Templo das Inscrições, a mais elaborada pirâmide funerária do Novo Mundo. São impressionantes as semelhanças entre este túmulo e as criptas dos faraós egípcios que reinaram anteriormente na região do Nilo. Em ambos os casos, as pirâmides se erguem sobre túmulos e os construtores tomaram grandes precauções para esconder as entradas; dentro dos túmulos, objetos funerários acompanhavam o cadáver na outra vida; a tampa do sarcófago tinha uma figura que se assemelhava ao rei morto. A cripta funerária de Pacal, no entanto, é mais austera e mais bárbara. Seis jovens vítimas foram mortas à porta do soberano para servi-lo no Além. Sua pirâmide sugere uma imponência cruel.

Fim de uma civilização. Todo esse esplendor não conseguiu salvar a cidade de Palenque, que desapareceu abruptamente no início do século IX d. C. Não tardou que as outras cidades-estados no centro do mundo maia tivessem o mesmo destino. A convulsão começou nas fronteiras e convergiu para o centro. No espaço de poucas gerações, a clássica civilização maia estava morta. Os camponeses faziam fogueiras para cozinhar dentro dos templos abandonados; os centros de cerimoniais, outrora importantes, estavam vazios e solitários.

Muitos estudiosos dos maias apresentam teorias inconsistentes sobre o colapso repentino da cul-

tura desse povo. Fracasso do comércio, impostos demasiado altos sobre os meios agrícolas, terremoto, furacão, invasão e doença são as causas citadas. Sir Eric Thompson escreveu que a revolta dos camponeses teve papel preponderante nesse colapso. O Prof. Barrera concorda. «A barreira entre a elite e os camponeses tornou-se cada vez maior com o passar do tempo», diz ele. «Em dada altura, as exigências crescentes da aristocracia tornaram-se insuportáveis. O povo revoltou-se. Sua única arma era a superioridade numérica. Provavelmente estrangularam a maioria dos senhores com as próprias mãos.» A ascensão e a queda dos maias nos mostram não só a capacidade da grandeza humana, mas ainda terrível afinidade com a destruição.

Hoje, restam somente ruínas, mas que possuem um poder pró-

prio – uma imortalidade feita de pedra, silêncio e solidão. Lá no alto, as constelações, tão conhecidas dos sacerdotes-astrônomos maias, ainda descrevem suas órbitas imutáveis, mas outros homens em outros países, com novos instrumentos, traçam agora o mapa de sua progressão. Os sacerdotes-astrônomos desapareceram. Os templos de Chichén Itzá e Bonampak dormem vazios à luz prateada do luar; o rugido da onça ressoa através dos átrios desertos de Tikal e Yaxchilán; os demônios de pedra de Copán dirigem seus guinchos inaudíveis contra a história, mas esta parece ter se esquecido deles.

Os profetas maias já sabiam que isso iria acontecer. Há muito tempo, um deles escreveu: «Todas as luas, todos os anos, todos os dias, todos os ventos, seguem seus caminhos e desaparecem.»

PODE O FUMO PROVOCAR MORTE SÚBITA?

Muito se tem escrito e dito sobre os efeitos nocivos do fumo, mas nunca ficara provado que ele pudesse ocasionar morte súbita. Agora, entretanto, você é convidado a assistir a uma autópsia: acompanhe com o médico legista o desenrolar de um exame detido dos pulmões de um fumante inveterado e comprove por si mesmo. Depois disso, faça ao legista a pergunta acima e veja a resposta científica e incontestável, no próximo número de Seleções.

E mais:

O fenômeno dos vedores de água
Chega de sabotar a CIA
O mundo que o Xerox criou